

2

O vício da escrita íntima¹

Vivemos a era da “intimidade como espetáculo”, como denominou a pesquisadora e professora de mídias Paula Sibilia² e como observamos todos nós a cada passo dado até a esquina entre bancas de revistas, televisões, cartazes e conversas e, a cada clique dado na internet, entre redes sociais, sites de celebridades, blogs, instagram, notícias e mais conversas. É a vez dos anônimos, das pequenas histórias, dos relatos cotidianos, e o ciberespaço surge como alternativa para aquisição de voz e lugar, com o computador como uma extensão do corpo e a internet como um órgão que coopera com a mente, como bem observa Luiza Lobo. É a escrita unindo corpo e máquina e lançando a palavra ao espaço. Virtual.

Há objetos híbridos que não sabemos em que escaninho colocar. Vivemos o mundo pós-moderno (ou a pós-modernidade ou o contemporâneo, como queiram). O conceito traz com ele o deslocamento da ideia de verdade, a crise das grandes narrativas e o foco não mais no coletivo, mas nas micro-situações. A internet surge como esse “novo” espaço de produção e leitura em que as histórias individuais podem ser contadas por seus próprios protagonistas, diretamente aos leitores. Segundo a escritora argentina Pola Oloixarac³, estamos vivendo um momento “naturalista”⁴ e de valorização do que antes era considerado literatura “menor”: os pequenos relatos. Eu mesma tenho dificuldades em ler livros extensos, ainda que me sinta arrebatada ao perceber o impacto que um bom romance pode ter em mim.

¹ Expressão retirada de frase de Denise Schittine, no livro “Blog: comunicação e escrita íntima na internet” (2004) página 209, que fotografei e publiquei em meu instagram: <<http://instagram.com/p/h8aNwYPcBo/>>

² Pesquisadora de temas culturais contemporâneos, graduada em Comunicação e Antropologia pela Universidade de Buenos Aires, mestre em Comunicação pela UFF e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Atualmente é professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e de Mídia da UFF.

³ Autora do romance *As teorias selvagens* e presente na coletânea *Os melhores jovens escritores em espanhol*. Mantém o blog “Melpómene Mag”, <<http://melpomenemag.blogspot.com.br/>> com artigos de outras publicações e divulgação de participação em eventos, e, o menos atualizado, “Orquídea Party”, <<http://orchideology.blogspot.com.br/>> uma espécie de diário com textos e fotos das orquídeas que cultiva.

⁴ Seja por temas como instinto e desejos humanos, pelo uso de linguagem coloquial, por concepções a respeito do homem e da vida em sociedade, entre outras características.

2.1 A circulação aberta dos textos e a nova noção de intimidade

O fenômeno do “falar de si” já não é raridade também nas livrarias, devido, em parte, ao “avanço da midiaticização” de que fala Arfuch, que fez com que “a palavra biográfica íntima, privada, longe de se circunscrever aos diários secretos, cartas (...), estivesse disponível, até a saturação, em formatos e suportes de escala global” (ARFUCH, 2010). Os blogs nasceram a princípio como uma ferramenta de diário virtual, com possibilidades que permitiam, inclusive, deixá-lo “invisível” para outros internautas. Com o tempo, esses espaços dirigiram-se para finalidades inúmeras, além da de “diário não-secreto”, e o espaço de escritas de si invadiu também sites de revistas, de “celebridades”, até outras redes sociais, como twitter e facebook. Klinger também aponta, citando Arfuch, o “avanço da cultura midiática de fim de século” como fator que proporciona a produção de “uma crescente visibilidade do privado, uma espetacularização da intimidade” onde podemos notar o “sucesso mercadológico das memórias, das biografias, das autobiografias e dos testemunhos” e também “o surto dos blogs na internet”.

Ainda segundo Pola Oloixarac, em suas aulas-conferências⁵, que frequentei em Rosario, o facebook seria como um grande romance, escrito pelo google, que indiretamente nos obrigaria a atuarmos com condutas as mais específicas, para que esta ficção fosse a mais “*costumbrera*” possível, bem próxima ao usual, ao habitual, como uma sátira social. Nesta história, Google é um narrador onisciente que não nos permite sair do enredo em que somos personagens de nós mesmos.

A página de informações do site do facebook define o espaço com a frase: “A missão do facebook é dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado”⁶. A internet oferece essa possibilidade de propagação de ideias, de palavras. Teoricamente “qualquer” pessoa pode criar seu objeto e fazer seu produto circular. Mas da mesma maneira, e talvez por isso, a rede virtual é como um labirinto em que vozes se misturam, se entrelaçam e se sobrepõem, fazendo com que uma voz possa, sim, dizer, mas correndo o risco de encontrar ouvidos surdos. Você diz. Mas quem escuta?

⁵ Seminário “Parásitos, parodias y el monstruo novelar: Formas del discurso naturalista en la era de la información”, na Facultad Libre, em Rosario, Argentina, durante os dias 22, 23 e 24 de outubro de 2013.

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/facebook/info>> Acessado em: mar. 2014.

Usuários é uma palavra que cabe muito bem aos que “navegam” (outra boa definição) na grande rede virtual. “Usuários” remete, ao menos a mim, primeira e rasteiramente aos que usam drogas ilícitas e dela são dependentes. Por isso, a associação da internet como um vício, apesar de ser um apontamento discutível, faz sentido. Mas esse espaço não é só negativo. Pelo contrário. Luiza Sposito, antiga aluna do programa de pós-graduação da PUC, escreveu em sua página do facebook⁷ (e foi muito aplaudida, com “curtidas” e comentários) sobre esse primeiro preconceito em relação à internet vindo, principalmente, de adultos que não são freqüentes usuários, de pais, e outras pessoas que, por razões profissionais, mostram-se de preocupadas com a saúde mental de crianças e jovens. Circula o preconceito de que a internet faz mal. Adriana Azevedo, doutoranda do mesmo curso, concordava que a internet é para nós, hoje, como a televisão foi para a geração passada (incluindo a nós próprios na infância), que o “tempo perdido” frente à tela, seja do computador, ou da TV, é o mesmo. Ficávamos, os de minha geração, tardes infindas pós- escola largados à monotonia do sofá, vidrados em filmes, programas de auditório, desenhos infantis, novelas cheias de beijos molhados e dorsos desnudos sobre a cama – causando constrangimento “às pessoas da sala de jantar” – entre outras séries de programas que consumíamos.

A TV vendia a idéia de ser participativa com o argumento de que o telespectador tinha a liberdade de mudar de canal. Não contavam com o surgimento do youtube⁸, por exemplo, onde além de se ter acesso a vídeos de todo o mundo, os já chamados usuários poderiam criar e fazer circular seus próprios vídeos. E, em verdade, a TV, para acompanhar o crescimento do alcance da internet, passou a tentar fazer com que os programas nela veiculados fossem cada vez mais “participativos”, com enquetes e intervenções via telefone e, principalmente, através da própria internet. Mas sabemos que, ainda assim, essa “interatividade” não contava com uma participação criativa do telespectador, uma vez que ele precisava escolher entre opções já dadas, salvo as participações ao vivo, sem cortes ou edições. Há alguns dias, a apresentadora Sarah Oliveira, do canal brasileiro da MTV, divulgou em seu instagram, com surpresa, segundo ela,

⁷ Rede social criada em 4 de fevereiro de 2004. Uma década interferindo diretamente nas vidas reais das pessoas.

⁸ O site youtube teve início em fevereiro de 2005. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1306288-6174,00.html>> Acessado em: mar. 2014.

a notícia de que um ex-diretor de conteúdo da emissora revelava que as votações do público para os clipes musicais (exibidos em ranking no programa Disk MTV) eram adulteradas⁹. A interatividade da televisão nunca foi de todo confiável.

Com a popularização da internet, surgiu então um espaço de real participação do público “usuário”, que se tornou também ativo nesse uso. Qualquer pessoa com acesso à internet pode criar páginas e contas em redes sociais gratuitamente para botar a boca no trombone. Quem o escutará, é outra questão. Mas que, agora sim, o indivíduo é ativo em um meio de comunicação de massa, sendo produtor de conteúdo, isso não se pode mais negar. Recordo-me de um tio paulista (então casado com minha tia), Edson, pintor, que, vendo seus filhos vidrados durante todo o dia no canal MTV, lhes disse: “Por que vocês não param um pouco de ver TV, e vão fazer seus próprios vídeos?”. Eu não era tão telespectadora desses programas, porque só passavam na casa de minha avó, e por incluírem muitas músicas em inglês, língua de que nunca gostei muito. Mas nunca esqueci esse conselho: produzir seu próprio conteúdo, sua própria arte. A internet, além de possibilidade de espaço para produção, é ferramenta de divulgação quase indispensável hoje.

Além disso, como disseram Luiza e Adriana, o facebook, além das horas de ócio apenas transferidas da TV para a internet, proporcionou a elas contatos profissionais, debates acalorados, indicações de boas leituras, filmes e eventos, além, claro, da possibilidade de veiculação de seus pensamentos e idéias. Nesse quesito último, o facebook vem se aproximando muito da utilização primeira dos blogs: divulgar textos pessoais a diversas pessoas (conhecidas ou não). Esse ponto, de certo modo, incomoda alguns usuários que acreditam que o facebook deveria ser somente canal de comunicação, divulgação de notícias ou fatos “relevantes”, e não “compartilhamento” de vida pessoal. Mas, quem pode dizer que uma descrição de fato corriqueiro, ou apresentação de pensamentos e devaneios são menos importantes que uma notícia de jornal (já que as notícias são cada vez menos críveis)? Essa rede social possibilita, inclusive, a opção de “deixar de seguir” determinada pessoa com apenas um clique. Por que, então, mesmo em um espaço que se diz desenvolvido para o livre pensar, ainda contamos com censores?

⁹ Zico Goes, em nota sobre lançamento de livro sobre bastidores da MTV. Foto de Sarah: Disponível em: <<http://instagram.com/p/kW8jmfATgS/>> Acessado em: mar. 2014.

2.2 Geração Internet

En Argentina, 95% de los adolescentes tiene acceso a Internet. El 40% tiene conexión en su casa, pero el 60% restante accede a ella en un locutorio o cibercafé. El 70% de los chicos entre 13 y 17 años tiene (o tuvo alguna vez) un blog propio o visita el blog de amigos y el 75% tiene un perfil en alguna red social.

Os dados apresentados referem-se ao ano de 2012, publicados no livro de Roxana Morduchowicz lançado pelo Fondo de Cultura Económica¹⁰. Ainda que se refiram à Argentina, os números revelam algo que em verdade já sabemos: a internet faz parte do cotidiano de muita gente. Os jovens de hoje, que já nasceram com a internet “existida”, conectam-se muitas horas por dia. Muitos ficam conectados 24 horas por dia através de seus “smartphones”. Os argentinos, segundo esse mesmo livro, passam 3 horas na internet a cada vez que a acessam¹¹. Os que utilizam internet fora de casa permanecem na rede metade do tempo. Mas não são apenas os jovens da Geração Internet que são atravessados pela “vida virtual”.

Minha geração (sou de 1984) acompanhou o surgimento da internet, foi com ela se adaptando e seguindo seus passos. A internet como uma criança inocente, tomando conta dos espaços, até crescer e tornar-se um polvo gigante na baía de Guanabara (#metáforascariocas), tomando conta, surpreendentemente, de nossas vidas, e, principalmente, de nós mesmos. Não somos todos os seres viventes no Planeta Terra agora os contagiados pela existência da internet. Mas ela é a característica dessa época. Ainda que você não utilize a internet (por medo, falta de jeito, falta de vontade, estilo, opção, coragem), ela utiliza você. O mundo social exige que tenhamos, no mínimo, um email (“correio eletrônico”, me encanta essa palavra), nos obriga a fazer inscrições *online* e nos oferece vantagens se pagarmos contas, ingressos e afins pela internet. Não estar inscrito em uma rede social (ou estar e não utilizá-la, como minha orientadora que até hoje não me “aceitou”) é uma opção. Não saber sobre o novo vídeo do canal tal do youtube, a foto que fulano “postou” no instagram, ou o que disseram no facebook, são

¹⁰ MORDUCHOWICZ, Roxana. *Los adolescentes y las redes sociales: la construcción de la identidad juvenil en Internet*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

¹¹ Na verdade eu escrevi o verbo entrar e corriji para acessar. Mas não sei ao certo se é uma correção. Novas palavras adentram nosso vocabulário de uso diário.

opções. Há quem diga até que escolhe seu amigo pelo tempo que ele fica na internet. Mas nem sempre quantidade e qualidade se relacionam, como bem sabemos. Nesse caso, às vezes mais é simplesmente mais. A imagem de polvo não é mera personagem de terror, é assustadora pelo medo de sua imensidão e pelo alcance incalculável de seus tentáculos. No entanto, o monstro Internet é também aliado. Fernando Irigaray, professor da Faculdade de Comunicação da Universidad Nacional de Rosario, afirmou em uma palestra¹² que a chamada “web 2.0” possibilitou a convergência de linguagem, formatos e gêneros narrativos em uma mesma plataforma. As “narrativas transmídias” poderiam agora ultrapassar as fronteiras do livro, invadindo espaços através das inúmeras possibilidades trazidas com a internet, tomando, inclusive, a cidade como plataforma. Em um projeto idealizado por ele, uma espécie de “documentário interativo”, uma narrativa se escrevia através de blog, página no facebook, conta no twitter, além de site, aplicativo para celulares e intervenções urbanas, como projeções em muros pela cidade de Rosario. O leitor seria participante do processo. Segundo ele, a internet é um espaço privilegiado de expressão que possibilitou a expansão de mundos narrativos.

Imagino que o choque inicial e a ampliação constante da internet na sociedade sejam parecidos com a época do aparecimento em sequência de diversas tecnologias. A reprodução técnica iniciada pelo surgimento da fotografia alterou o modo de recepção da arte. O cinema articulou novas formas de se ver. Assim como essas tecnologias, a internet mudou as formas de percepção da arte, do sujeito e do todo. Seu surgimento aparece como um marco de uma era. O que quero dizer com tudo isso? Que não podemos negar a (oni)presença da internet em nossas vidas. Essa “intromissão” afeta o trabalho primeiramente, depois a vida social, até chegar à vida íntima. E o receio inicial dá espaço à absorção e utilidade.

2.3 Espaço virtual, intervenções reais

*“A política é a cultura rebelde de cada dia
cujo perfume privado exala*

¹² Seminário “Narrar en tiempos hipertextuales – La comunicación en la era del transmedia”, realizado pela Facultad Libre, no dia 18/10/13, em Rosario, Argentina.

no espaço público.”¹³

Penso que o incômodo que Yoani Sánchez causa, hoje, se assemelhe de alguma forma ao causado, há décadas, por Caetano Veloso, ao retirar “o exercício político da classe política e decretando a combinação extemporânea da prática política aliada à prática da vida”¹⁴, como assinalou Silviano Santiago. Essa “vontade de cotidianizar a política ou de politizar o cotidiano”¹⁵ a que se autorrefere Caetano, traduz a tentativa da cubana, o que ela busca com sua escrita, trazendo a política dos espaços oficiais para dentro de sua (e nossa) casa. Interessante observar como a presença constante destacada na internet aproxima blogueiros a artistas ditos “pop”. As posições de ambos podem vir a intervir na opinião pública.

Entretanto, Yoani é (ou era) o cidadão anônimo com sua voz oriunda de um ambiente privado, até pouco tempo marcado como feminino, o espaço doméstico. Em situação equivalente, Isadora Faber utiliza a citada página *Diário de Classe: a verdade...*, na rede social facebook, para registrar as más condições da escola pública em que ela e seus colegas estudam em Florianópolis. Quase diariamente, a aluna publica textos e fotos de ambientes que precisam de reparo e imagens da merenda servida, relata a falta de professores e tantas outras carências. Ainda que menor de idade, Isadora recebeu críticas e ameaças, encontrando maior segurança ao receber apoio da secretária de educação de Florianópolis e da mídia, que passou a divulgá-la, proporcionando, inclusive, seu encontro com a escocesa Martha Payne, de 9 anos,¹⁶ que mantém um blog com fotos diárias da comida servida em sua escola, acompanhadas de suas observações e reclamações. Ainda que com impacto mais restrito do que o da blogueira cubana dedicada a questionar as bases do Estado, ambas as crianças conseguiram melhorias em seus colégios.

Segue abaixo um trecho da página de Isadora com imagem que ela fotografou de detalhe da quadra da escola seguida de texto, mais um vídeo em

¹³ SANTIAGO, Silviano. “Democratização no Brasil – 1979 - 1981 (cultura versus arte)” In: *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2004. P.138

¹⁴ (SANTIAGO, 2004,p.139)

¹⁵ VELOSO apud SANTIAGO (2004, p.139)

¹⁶ Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/videos_e_fotos/2012/09/120901_blogueiras_mirins_jp.shtml>
Acessado em: mar. 2014.

comemoração às 500 mil “curtidas” de sua página em agradecimento a quem apoia a sua causa: “educação de qualidade”, em suas palavras:



Figura 2 – Reprodução de página do Facebook “Diário de Classe: A verdade”

A menina percebeu (como outros alunos pelo país que criaram também seus “diários de classe” online) que quando sua voz não é escutada por um ouvido “superior” hierarquicamente, ela será valorizada se conseguir alcançar diversos outros ouvidos (e olhos). Nesta postagem, Isadora deixa claro e registrado que, antes de fazer sua “denúncia” pela internet, já havia tentado falar do problema da má conservação da quadra com uma professora da escola.

Isadora tem domínio da ortografia da língua portuguesa e sua escrita é de fácil compreensão, ainda que tenha a liberdade da não-preocupação (característica da escrita na internet) com alguns acentos, vírgulas e várias frases aglomeradas em sequência. A maioria dos blogueiros com quem conversei demonstrou preocupação com as normas da escrita, fazendo inúmeras revisões ou alterando textos já postados ao notarem (ou serem avisados de) algum erro ortográfico ou má concordância. Não é que Isadora não tenha esse cuidado. Mas fica claro que seu objetivo (atingido) é a comunicação, e não a qualidade digamos, literária, de seus textos. Ela escreve como se estivesse falando com um amigo, de maneira informal, coloquial e direta, emitindo também opiniões.

Os blogs podem ser utilizados pelos antes inaudíveis cidadãos “comuns” como espaço de voz e visibilidade gerando, através de suas observações cotidianas, discursos políticos. Como outro exemplo há os “personagens”

retratados no documentário “Blogueiros da China” (*High tech, low life*, no original), de Stephen Maing, os chineses Zola, de 26 anos e Tiger Temple, de 57. Ambos partilham de algumas dificuldades semelhantes às que Yoani diz enfrentar, por “atuarem” em países onde o questionamento da “verdade” oficial pode por em risco a liberdade do internauta crítico.

Os blogueiros chineses vão atrás da notícia. Circulam pelo país com seus equipamentos procurando cobrir fatos que a mídia oficial camufla ou simplesmente não divulga. Tiger, que viaja de bicicleta, ficou conhecido como o primeiro “repórter-cidadão” da China, mas faz questão de dizer que não é um jornalista, não é um “profissional”. Em comum, esses blogueiros têm o desejo de que suas vozes sejam confrontadas com a voz oficial na construção da história do país. Uma história sendo escrita no presente, com todas as suas versões, criando a memória dos comuns.

Yoani utiliza a escrita em seu blog para manifestar-se e, principalmente, posicionar-se no espaço em que vive. O mesmo faz a jovem estudante Isadora Faber em sua página. O mesmo fazemos nós nas redes sociais (principalmente facebook) que, mais do que nunca, têm se mostrado como a melhor plataforma de mobilização das pessoas para causas sociais, políticas. Se as redes sociais eram vistas com preconceito, por não conseguirem transpor as fronteiras virtuais da internet, vivemos agora um momento histórico, a mobilização de pessoas nas ruas após organizarem-se pelas redes sociais. Movimentos de ocupação nas ruas, manifestações, passeatas e outros atos políticos vêm-se espalhando por diversos países como Estados Unidos, Egito, Grécia, Turquia, Venezuela, Ucrânia e Rússia, ganhando força a partir de junho de 2013 aqui no Brasil. Estamos presenciando um momento inédito. De acordo com a página criada sobre as manifestações no site g1, no dia 20 de junho de 2013, mais de 100 cidades brasileiras tiveram manifestações nas ruas, somando 1 milhão e meio de pessoas – número que deve ser ainda maior uma vez que os manifestantes (e eu também, como presente em alguns atos) alegam que essas estimativas oficiais reduzem muito o verdadeiro número de participantes.

Em uma circunstância em que a história está sendo escrita no instante-já é difícil tecer comentários e análises precisos, mas o fato é que esse rompante provocou mudanças e abalos. Dizem que do caos, das explosões, nascem as

estrelas, as soluções, novos dias. Essas manifestações vêm conseguindo mostrar que “o povo tem a força só precisa descobrir”¹⁷. Com cartazes e palavras de ordem, exigem que os políticos governem para o bem da população e não para si próprios, que mudanças básicas em saúde e educação sejam prioridades. Evidenciam que é possível, sim, gerar mudanças através de diálogos iniciados pela internet. Acredito que o melhor resultado que podemos observar é a consciência de voz ativa da população. Ao menos na cidade do Rio de Janeiro, é a primeira vez que vejo uma grande mobilização após uma ação covarde e truculenta da polícia no complexo de favelas da Maré, que deixou dez mortos e muitas pessoas inseguras, nas ruas, sem poder voltar para a casa.

Esses internautas críticos enquanto “novos intelectuais”, já se inserem no cotidiano, utilizando de um meio de comunicação de massa - que por vezes é visto apenas como mero entretenimento - para interferir politicamente, trazendo visibilidade para as questões que apontam e conseguindo, com o alcance de suas palavras, mudanças na realidade social em que vivem. Que lugar político ocupa o blog de Yoani, que não tem explicitamente pretensões “artísticas” nem de seguir uma carreira política convencional?

O que podemos observar é que a internet pode, sim, ser um novo meio de cidadania, novo meio de conferir potência afirmativa à vida. Ela pode ser um perigo, se usada com a liberdade que é prometida em sua “compra”. Um doce perigo a que governantes e grandes empresários certos de governarem nossas vidas devem ficar atentos. Afinal, não seria a voz do povo a mesma de Deus? Agora temos então diversas vozes, diversos deuses, defendendo seus direitos e expondo suas opiniões. Que babel! Que perigo!

Sirlanney, cartunista com 16 mil seguidores no facebook, escreveu, em sua página¹⁸, sobre os espaços virtuais e a mudança de comportamento na internet pelo período de dez anos:

Os quadrinhos da série autobiográfica Magra de Ruim falam do começo. Sempre eu, querendo fazer alguma coisa e não sei exatamente o que. Eu e os quadrinhos. O nome veio do blog, essas coisas esquisitas que a gente fazia antes do facebook e do twitter. Cada um arranjava uma serventia pro seu, seja jornalístico, de moda, diários, críticos de cinema, uma bagunça... Eu queria publicar textos e esses

¹⁷ Trecho do Rap da Felicidade, de autoria de Cidinho e Doca. Disponível em: <<http://letras.mus.br/cidinho-e-doca/235293/>> Acesso em: mar. 2014.

¹⁸ <https://www.facebook.com/pages/Magra-de-Ruim/111974632170328?fref=ts>

textos estavam na turma do diário. Nada mudou em dez anos, talvez apenas as meninas dos blogs rosas de diário virtual tenham ficado satisfeitas com a exposição mais eficaz do fotolog, depois facebook, twitter, twitcam, enfim, todas essas redes que me dão um traumatismo no sistema nervoso. — Agora surge uma nova geração de adolescentes que também tem blogs rosas, mas no tumblr, elas escrevem romances virtuais, vocês já viram isso? Eu me sinto velha.¹⁹

Na página do poeta Ricardo Chacal, também no facebook, ele publicou texto e imagem (com 14 compartilhamentos, 9 comentários e 93 curtidas até então²⁰), referindo-se à internet como ferramenta de contraponto às grandes mídias :

novas narrativas para um novo mundo

me incomoda o jeito como muitos aqui ainda são pautados pela velha mídia que se sabe nefasta e corrupta. dizem q precisam ler o q sai nela para poder combatê-la. discordo. acho que devemos sair do campo, da área de influência dela. já temos essa ferramenta maravilhosa aqui para narrar nossas vivências e opiniões. aqui a nova mídia. a nossa mídia. ou vc acha que suas opiniões, seu cotidiano, interessam menos do que esses boatos dirigidos, essa armação secular de uma mídia a mando de quem nos ferra? mande aqui suas experiências, o que te intriga e confunde. o resto, olvida e abstrai. ainda temos muitas palavras para conversar.



Me gusta · · Compartilhar · Ayer a las 15:27 · Editado · A Ana Schlimovich, Vinícius Gonçalves Melo y 80 personas más les gusta esto.

Figura 3 - Reprodução de página do Facebook de Ricardo Chacal

Nestes dois exemplos citados, as novas mídias são postas em destaque enquanto modo de comunicação e intercâmbio que abrem perspectivas futuras e permitem o abandono de usos de mídias cerceadores ou insatisfatórios. Sirlanney mantém uma posição mais moderada, recordando os diversos espaços virtuais por onde passa ou já passou e as novidades de uso da nova geração que a fazem sentir-se ultrapassada. A internet traz novidades a todo instante. As mudanças são constantes e não é raro sentir-se perdido em meio a tantas atualizações, ainda que

¹⁹ Disponível em: <<http://sirlanney.tumblr.com/magrademuim>> Acesso em: 28 de jan. 2014.

²⁰ Dados atualizados em 04/03/2014

Sirlanney afirma que “nada” mudou no período de dez anos que ela cita. O blog que mantinha servia, segundo ela, como uma espécie de “diário”. Hoje, desenha e escreve quadrinhos que ela faz questão de identificar como autobiográficos.

Já a opinião de Chacal é radical. Para ele, com a possibilidade que a internet, e em especial o facebook, traz, não precisaríamos mais ler as grandes mídias. Na internet cada um escreve sua própria notícia e opinião, contando ainda com leitores para seus textos. Chacal contrapõe as pequenas (verdades, narrativas e histórias) com as grandes, oficiais, valorizando as primeiras, e confirmando a tendência de nosso tempo: maior interesse pela vida dos comuns. Junto ao texto, o poeta publica uma imagem, apropriando-se do jogo de cores para destacar palavras de ordem em uma espécie de poema concreto. Chacal já percebeu que os textos publicados no facebook facilmente se perdem na “linha do tempo” e, que, a melhor maneira de encontrá-los nesse espaço é anexando-os a imagens, que permanecem arquivadas em um “álbum”. Em seu pequeno texto citado, Chacal utiliza abreviações de palavras (“q”, “vc”), característica marcante da escrita na internet mas que em nada atrapalha a compreensão de sua mensagem. A menos que o leitor desconheça o significado de tais abreviações. Mas este não é o comportamento que se espera do leitor de internet. No espaço virtual também há um “pacto” entre os usuários leitores/autores.

Quando estava morando em Rosário, recebi este email de uma amiga brasileira:

“entendo que você, como eu, precisa postar coisas, somos assim, usamos a internet como ferramenta emocional quase. (...) e fica uma possível dica para você, e para mim, e para todas as pessoas que se explanam muito na internet: tem uma música da bjork, "pagan poetry", que no final ela diz I LOVE HIM, I LOVE HIM, I LOVE HIM, I LOVE HIM. THIS TIME I'M GONNA KEEP IT TO MYSELF. a explicação aleatória, os mistérios que rondam um post, uma foto, tudo isso me parece muita alienação, o lance mesmo é amar alguém e manter para si mesmo e somente para o outro. já tive minha cota de amor explicado, amor colagem, amor doido. o que vier agora vou manter pra mim.”

A avaliação do uso da mídia eletrônica muda. O texto do email aponta para as (possíveis) conseqüências de seu uso. É um enfoque com perspectiva diferente dos dois trechos anteriores. A internet é considerada fato pré-estabelecido e inescapável. Assim como a exposição das “meninas dos blogs rosas

de diário virtual” citadas por Sirlanney, minha amiga também comenta a intimidade exposta (ou, nas palavras dela, “explanada”) na internet, criticando esse uso das redes sociais como “ferramenta emocional” e citando ela mesma como antiga “alienada”, ressaltando, ao final, as fronteiras que ela acredita que devam ser mantidas entre mundo público e privado.

2.4 Público X Privado

Yoani e Isadora escrevem a partir de suas casas sobre o que vêem, vivem, e opinam também sobre fatos que acontecem em sua cidade, seu estado, seu país, seu mundo. A escrita na internet ultrapassa a aldeia. Na rede virtual, a aldeia torna-se global. Qual a diferença entre ser ouvido pelo seu vizinho e ser escutado por todo o mundo? Yoani tem consciência dessa flexibilidade entre o público e o privado; dá-se conta das transformações que sua escrita provoca em sua vida, considerando a perda de sua privacidade de “anos de silêncio, intimidade e reserva” como segurança contra a constante ameaça de ser “devorada pela engrenagem que já engoliu a tantos”.

Para Barthes, o “‘privado’ é uma defesa natural contra a transformação do público em mercadoria”, havendo uma “identificação lógica entre clandestino (ou anônimo) e livre”. A internet é justamente esse espaço possível, de anonimato e liberdade. Para Yoani não há mais anonimato mas, por essa razão, há liberdade, pois sua exposição e visibilidade garantem sua proteção. Segundo ela, as paredes de sua vida se tornaram mais transparentes, mas quem lê seus escritos a protege.

Cabe também fazer observações sobre esse ambiente dito privado de onde emana a voz do “anônimo” transformado-o em “novo intelectual”. Após “sair” de sua casa, ainda que estando fisicamente nela por meio da internet, alguns blogueiros passam a ser “ex-anônimos”, como no caso da cubana Yoani Sánchez e da menina Isadora Faber, cujas escritas se aproximam de alguma forma da crônica, com propósito de interferência política. Podemos fazer uma análise comparativa destes blogs voltados para a intervenção social com os blogs mais propriamente “literários”²¹, onde escritores iniciantes (todos com pretensões de

²¹ Os blogs, neste ensaio, denominados “poético-recordativos”.

publicação?) se exercitam e escritores já de alguma forma legitimados mantêm contato mais informal e imediato com seu público leitor. Neste segundo exemplo temos os blogs de argentinos como os da escritora Pola Oloixarac (cujas postagens já foram mencionadas), do escritor, crítico e professor Daniel Link, e do poeta, também professor e crítico, Cristian Molina²². Dos brasileiros, mais destacados neste estudo, destaco a escritora Ivana Arruda Leite (cuja entrevista encontra-se em anexo), João Paulo Cuenca²³, e o escritor e tradutor Daniel Galera, além de tantos outros e dos novíssimos aqui abordados.

Mariáh Luz é um exemplo de blogueira brasileira prestes a lançar um livro. A gaúcha começou a escrever em blog para comunicar sua gravidez a seus amigos e compartilhar com eles e familiares os momentos de espera e partilha ao lado do filho. Para ela, graduada em Letras, a internet foi uma solução prática: “resolvi escrever publicamente para não ter que falar para pessoa por pessoa”²⁴. Conheci Mariáh pessoalmente, soube de sua gravidez pelas redes sociais, e então passei a acompanhar por muito tempo seu blog. O ótimo “Cartas ao meu bebê” não está mais no ar e, por isso, não consegui acessar online todos os textos que gostaria, mas Mariáh gentilmente me enviou a prova do livro em andamento que contém as cartas que publicava online. Este descuido de minha parte reflete a efemeridade dos blogs em contraponto com a “eternidade” dos livros. O texto que você leu hoje online, amanhã pode não mais existir.

Abaixo, apresento cronologicamente alguns trechos de suas cartas para melhor ilustração de sua escrita no blog:

Tive poucos enjoos hoje. Um na frente do papai. Poxa, *baby*, tínhamos que mostrar firmeza, acabamos mostrando nossa fragilidade. Mas tudo bem. Se tem

²² Seu blog <<http://ocotidiano-cristian.blogspot.com/>> tem leitura exclusiva apenas para convidados. Há, porém, um blog público: <<http://www.lavozdnc.blogspot.com.br/>>. Molina escreveu livros a partir de textos publicados em seus blogs. Alguns dos poemas do livro BLOG (que consegui comprar em uma feira em Rosario) podem ser lidos em: <<http://www.revistapingpong.org/2012/05/algunospoemas-del-nino-c-1-peluches.html>>

²³ Cuenca começou sua trajetória literária no Folhetim Bizarro (1999-2001), um blog de diálogos na internet, e mantinha o blog <<http://blogdocuenca.blogspot.com.br/>>, neste último, vale a pena a leitura de observações da viagem que fez ao Japão para a escrita de um romance. Escreveu diversos livros, foi selecionado para a revista Granta, é comentarista semanal de literatura do programa televisivo Estúdio I, na Globo News, e colunista no jornal Folha de São Paulo. Em muitos sites há um espaço para textos de comentaristas, escritores e colunistas. Cuenca escrevia para o jornal O Globo nos moldes destes blogs “contratados”: <<http://oglobo.globo.com/blogs/cuenca/>>

²⁴ Mais detalhes sobre Mariáh no anexo de entrevistas.

um momento na vida da mulher que quase vomitar por cima de um homem é divino, esse momento é na gravidez.²⁵

Eu não sei como contar isso pra minha família, não sei se conto pro teu novo-pai que ele é o pai. Tenho medo que no próximo exame me digam que você vai nascer na outra semana e eu quase mate outra pessoa do coração. Eu só consigo me sentir culpada por tudo isso, por ter sido irresponsável no começo da gravidez, por ter avisado o pai errado, por expor minha família nisso tudo agora. Desculpa, meu filho, por favor, desculpa por tudo. Mamãe te ama mais ainda. (ao som de Chico Buarque – geni e o zepelim)²⁶

Ela (a enfermeira) me disse que certamente o parto seria depois das cinco da tarde. Aí, pedi pras dindas irem embora, descansarem e voltarem mais tarde. Nisso, eu soube mais tarde, elas estavam mandando via twitter atualizações de tudo a cada acontecimento para nossos amigos – e você saberá disso numa ooooutra carta.²⁷

Outra foi ela me dizer que eu não posso usar lenço umedecido em casa, que é melhor passar uma fralda úmida, porque senão você terá assaduras. Ah, por favor. Eu queria MUITO conhecer a vida privada de uma médica com filhos, pra saber se a senhora-sou-toda-correta faz essas coisas. Tu não tem problemas com assaduras, porque eu te limpo bem direitinho, se fica alguma umidade por conta do lenço eu seco. Ainda me disse: “Quando você levá-lo no shopping aí pode usar lenço umedecido”. Eu no shopping? Ah, vá... Eu adoro os pré-julgamentos...²⁸

Nas cartas que Mariáh escreve destinadas à leitura imediata de seus amigos e a uma leitura futura de seu filho, percebemos as diferenças de discurso entre as falas destinadas ao bebê (mesmo quando ainda na barriga da mãe), as falas destinadas a seu público leitor (em sua maioria amigos) e as palavras destinadas a pessoas que de alguma forma atravessam sua vida de maneira desagradável, seja por fofocas ou comentários maldosos ou ingênuos quanto ao comportamento social da mulher e a maternidade. Ainda que estes últimos possam nunca vir a ler seus escritos, seu site funciona também, como para muitos blogueiros, como uma possibilidade de desabafo, terapia pessoal.

Todas as cartas que Mariáh escreveu no blog apresentavam ao final do texto o título e autoria de uma música, a princípio trilha sonora da escrita, mas que sugeria, também, uma espécie de trilha sonora para a leitura. No segundo trecho citado, já sua 18ª postagem, Mariáh demonstra publicamente sua fragilidade e culpa quanto às descobertas da nova paternidade do bebê e do estado adiantado da

²⁵ Carta 005 – aquela da disseminação da notícia

²⁶ Carta 018 – aquela do pior dia da vida

²⁷ Carta 101 – aquela do parto

²⁸ Carta 112 – aquela do primeiro peteleco

gravidez, que ela acreditava menos avançado. Nesta carta, a sugestão musical é a conhecida música “Geni e o Zepelim”, que retrata uma sociedade machista e crítica quanto às liberdades individuais, principalmente da figura feminina. Em seus textos, Mariáh brinca com o tradicional padrão epistolar e busca romper preconceitos da feminilidade e da maternidade, através de críticas, questionamentos das normas, e uma atitude desafiadora diante da moral familiar. Sua escrita coloquial é por muitas vezes irônica e por tantas outras, amorosa. Mariáh reconhece que era grande sua exposição neste período, pois escrevia tudo o que gostaria de falar. Mas, hoje, abrir sua vida para o mundo é expor também seu filho e seu marido e, por isso, resolveu retirar seu blog da web.

Ainda que um blog seja um espaço público, o posicionamento do autor pode vir a ser de maior ou menor exposição da intimidade, no que diz respeito a detalhes particulares da vida privada. Depende, principalmente, do foco que é dado pelo autor ao blog, qual o objetivo de sua criação e o público ao qual se destina. Mariáh, como mãe pela primeira vez, encarando novidades, e por vezes se sentindo só, buscava, com seu blog, entrar em contato com pessoas que compartilhassem com ela suas angústias e alegrias da maternidade inesperada. De início ela não pensava em publicar um livro, mas muitos pedidos e incentivos vieram por parte de seus leitores, então, amigos e desconhecidos que passaram a estar “presentes”, ainda que distantes fisicamente, das etapas de sua gravidez e pós-gravidez. A insistência do público de seu blog para que este se tornasse um livro, efetivamente, atesta a qualidade “literária” das postagens. “Literário” não no sentido convencional das “belas letras”, mas no sentido de uma escrita que causa impacto por suas peculiaridades de redação. Trata-se de uma conversa capaz de afetar aquele diante de quem se coloca, pela intensidade das palavras e construções sintáticas escolhidas.

Visitei diversos blogs que retratam o desenvolvimento de bebês e crianças. Mariáh insere seu site no que ela chama de “blogosfera materna”, essa rede de blogs que auxilia diversas mães com informações e troca de experiências que vão mais além das descrições e manuais assépticos destinados a grávidas. Ela ressalta, porém, que é preciso mais cuidado com o que se expõe sobre essas crianças.

Dentro dessa imensidão de blogs escritos por mães, encontramos alguns raros blogs escritos por pais. Pedro Fonseca é um deles. Assim como Mariáh,

Pedro criou seu blog para guardar os momentos de seus filhos para que estes os possam ler no futuro, mas também para compartilhá-los com diversos leitores, independente de terem ou não filhos. Mas, diferente de Mariáh, Pedro talvez já soubesse que seu site seria acessado por milhares de pessoas que não conheciam sua família pessoalmente, por isso não revela “segredos”, mas relata momentos íntimos da família, em particular, de seus três filhos pequenos. Em seu site não há espaço para comentários, mas Pedro divulga cada novo link de postagem na página do blog no facebook (e também em sua página pessoal na rede) e então dezenas de pessoas comentam o quanto foram sensibilizadas por seus escritos. Conversei algumas vezes pelo facebook com Pedro. É uma pessoa generosa e doce. Sinto-me íntima dessa família mesmo que (ainda) não os conheça pessoalmente.

É interessante observar o posicionamento do pai diante da criação dos filhos em uma sociedade pouco marcada pelo destaque a “paternidade”. Repleto de demonstrações de emoção e humor sutil, Pedro delineia um novo papel social, posicionando-se com questionamentos à educação e desenvolvimento de crianças, aos comportamentos sociais, agindo também como esse “novo intelectual” a refletir sobre os tempos atuais. Há uma força questionadora no humor saudavelmente cruel de Mariáh enquanto o texto de Pedro é mais obediente às normas. A perplexidade da mãe escritora, diante das situações que tem de enfrentar, imprimem uma urgência expressiva ao ritmo de suas frases breves. Sua coloquialidade não é domada pelas regras gramaticais, por isso soa espontânea, como se a blogueira estivesse falando diretamente com quem a lê. Ainda que diferente da agressividade autodefensiva de Mariáh, talvez em razão ao momento emocional que viviam enquanto escreviam, ambos fazem coro a diversas vozes que encontram na internet espaço para encontrarem outras vozes que dialogam com seus instantes presentes.

Em uma de suas cartas, sempre acompanhadas de lindas fotos, Pedro escreve à pequena Irene, em quase metaliteratura, sobre os preconceitos em relação à internet e, sobre esta ser, para ele, uma ferramenta importante afetivamente:

São Paulo, 11 de abril de 2013.
Irene,

a internet nos afasta.
Nos faz ficar cabisbaixos, mais preocupados
com o sms enviado, o whatsapp recebido
e o doubletap distribuído no Instagram
(sério, busca isso, você vai se divertir
com essa rede social da minha época).
Nos tornamos ausentes.
Vamos a festas, shows, bares,
exposições e encontros, mas deixamos
de conviver com os amigos,
pois estamos sempre conectados,
digitando, postando, tirando o nosso
espírito dos locais físicos e nos transportando
para um universo digital paralelo
perverso, frio, desumano.
Como tudo parece estar interligado,
ficamos, então, mergulhados neste
imenso vazio junto com muitas e muitas
outras pessoas –mas sem vê-las,
tocá-las, acariciá-las.
O futuro amedronta, filha.
Pode ser que as relações humanas
sejam todas abaladas por isso e, assim,
você e o seu irmão recebam isso
de herança da partícula de Humanidade
que corresponde à minha geração.
Que absurdo, né, filha?
Sabia que tem gente que pensa
exatamente assim?
Eu não penso.
Estou convicto de que tudo isso
aqui tem nos aproximado mais e mais
daquilo que realmente interessa.
Sinto isso na pele. Sinto isso no coração.
Sinto muito pelos que não usam
a internet a favor das relações sólidas.

Do seu pai,
Pedro.²⁹

²⁹ Disponível em: <<http://www.doseupai.com/#!18/c166e>> Acesso em: mar. 2014.